

5º DOMINGO NA QUARESMA

06 DE ABRIL DE 2025

FILIPENSES 3.(4B-7) 8-14

1 ENCONTRANDO O TEMA PRINCIPAL

1.1 Salmo 126

O Salmo 126 faz parte de um conjunto de 15 cânticos de romagem, cânticos que expressam as emoções e experiências dos peregrinos que viajavam para Jerusalém para adorar a Deus no templo e está situado provavelmente após o retorno do exílio da Babilônia (cf. Esdras e Neemias)

A estrutura do Salmo pode ser dividida em duas partes. Na primeira, são lembrados os momentos de intensa alegria e alívio proporcionados pela restauração de Sião, realizada pela mão de Deus. É uma lembrança de que essa restauração foi tão grandiosa que não apenas o povo, mas também aqueles ao seu redor puderam testemunhar as grandes coisas que Deus havia feito por eles. Na segunda parte, a alegria e o reconhecimento dessa bênção se transformam em oração, refletindo um pedido esperançoso de que Deus continue a abençoar Seu povo.

Na primeira parte do salmo, a canção destaca a grandiosidade das bênçãos de Deus (v.1). Essa grandeza não se limitou apenas ao povo de Israel, mas todos ao redor puderam ver e testemunhar as maravilhas que Deus realizou em favor deles (v.2). O próprio povo reconhece isso, celebrando a grandeza do que havia sido feito por eles (v.3). Destaca-se, além disso, que a alegria dessa libertação era tão profunda que ia além da simples volta ao lar: tratava-se da restauração completa de sua sorte. Deus não apenas trouxe o povo de volta ao seu lar, mas também restaurou a terra e as condições de vida, livrou-os da fome, da seca, da miséria... foi uma libertação tão grandiosa, milagrosa que se espalhou em comentários e louvores entre todos os povos ao redor.

Na segunda parte, tal alegria vivenciada poderia trilhar dois caminhos distintos: o primeiro seria o da nostalgia, onde as alegrias do passado ofuscam as bênçãos presentes e futuras; o segundo, seria olhar para as bênçãos do passado com esperança. É esta postura que o salmo assume: contornos de esperança, com o povo agora pedindo que a alegria retornasse. A alegria poderia ser um suspiro de tristeza e – quem sabe - rancor, mas se tornou uma oração. Assim, o salmo nos convida a olhar para as bênçãos do passado como promessas para o presente e futuro.

1.1 Isaias 43.16-21

O texto inicia com o próprio Deus lembrando ao povo o que ele havia feito no passado: abriu o mar vermelho, fez o povo passar no seco e o exército do Faraó ser afogado nas águas. Contudo, tais lembranças do passado estão no passado, haja vista que de novo o Senhor irá fazer algo novo por Israel, a saber: libertá-los da Babilônia. Deus não quer que o povo veja e viva a nostalgia pelas glórias do passado, mas o enxergue como provedor presente e futuro. Israel poderia esperar algo novo, algo tão grandioso e milagroso que ofuscaria as bênçãos passadas.

Interessante destacar a maneira com a qual Deus se refere ao povo de Israel: “meu escolhido” e “povo que formei para mim, para celebrar o meu louvor”.

1.2 Filipenses 3 (4b-7) 8-14

O apóstolo Paulo começa lembrando do seu passado e linhagem judaica, motivo pelo qual ele poderia se orgulhar, caso firmasse sua esperança na nostalgia do passado. Contudo, todas essas coisas ficam de lado a ponto de ele: considerar perda, lixo e decidir se esquecer de todas essas coisas. Seus olhares estão focados em Jesus. Este enfoque no Cristo, altera a maneira como ele considera o presente e futuro, fazendo-o olhar apenas no que está adiante: “o prêmio da soberana vocação”. Ele reconhece que Jesus fez algo completamente grandioso e milagroso por ele, ofuscando totalmente todas as razões de orgulho do passado.

1.3 Lucas 20.9-20

A parábola dos lavradores maus se apresenta dentro de um contexto em que Jesus chegou a Jerusalém (19.29-40), lamentou sobre ela (19.41-44), purificou o templo (19.45-46), começou a ensinar (19.47-48) e rejeitou um questionamento à sua autoridade (20.1-8). Agora, ele conta uma parábola que não é importante apenas pelo seu ensino em Jerusalém, mas também pelo que virá a seguir: sua morte, ressurreição e ascensão (cf. Lc. 22 e 23). Ela fala sobre a ação de Deus no passado e culmina com o que de novo (e inesperado) o Pai está fazendo.

Assim como as outras parábolas, nesta aqui os personagens da história encontram seus 'representantes' entre os ouvintes. Esse fato se evidencia pela reação dos líderes religiosos, que compreenderam bem a mensagem que Jesus queria transmitir (v19). No entanto, deixando de lado, por um momento, o contexto dos ouvintes, a história em si é impressionante. O dono de uma vinha, a fim de recolher sua colheita, enviou três emissários, em momentos diferentes, para buscar o fruto da colheita. Os três foram espancados, maltratados e foram embora sem nada. O movimento esperado seria de desistência por parte do dono da vinha por aquela colheita. Contudo, numa atitude completamente inesperada, o patrão envia seu próprio filho. Os trabalhadores, de forma ainda mais agressiva, não apenas espancam, mas matam o filho.

A parábola é praticamente uma profecia da rejeição e exaltação do Filho amado de Deus. Dentro do contexto da história da salvação, ela trata do clímax de todo o plano salvífico. Primeiro, ela leva seus ouvintes a olhar para o passado, para a intervenção de Deus no Antigo Testamento por meio de seus profetas. E então, a coisa nova, *grandiosa* inesperada, e porque não dizer, milagrosa: o envio do Filho, sua morte, ressurreição e exaltação.

2 APROFUNDAMENTO BÍBLICO

O texto que escolheria pregar neste fim de semana, seria o de Filipenses.

Alguns aspectos preliminares são importantes aqui, haja vista que impactam na leitura e interpretação do pregador e do ouvinte. O primeiro é não deixar os versículos entre parênteses de fora da leitura. Eles oferecem um importante pano de fundo para a mensagem central da perícopé. O segundo é que devemos tomar certo cuidado para não interpretar mal estes versículos iniciais. Os versos 4b–8 não deveriam ser ensinados como uma declaração de quão errado Paulo estava no passado. Quando Paulo diz que foi circuncidado, era da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim e Hebreu, é importante lembrar que tais coisas não foram de sua escolha, mas foram dadas a ele por nascimento, ou seja, dadas pelo próprio Deus. Estas coisas são dádivas de Deus. Embora a perseguição da igreja que o apóstolo fala posteriormente não possa ser considerada uma vantagem ou uma dádiva, ainda assim Paulo está valorizando o zelo que leva à ação.

O ponto de mudança está justamente no fato de que, neste ponto da carta, o apóstolo Paulo abre seu coração, fazendo uma confissão íntima de sua fé. Ele se alegra por não ter justiça própria, mas a justiça de Cristo mediante a fé (3.9). Essa perspectiva altera radicalmente sua visão sobre o passado, presente e futuro. Ao compartilhar sua experiência pessoal, Paulo oferece aos filipenses um modelo de como os cristãos podem compreender sua vida em Cristo e encarar tanto o sofrimento quanto o serviço ao mundo.

Este é um trecho da carta que reflete fortemente a fé de Paulo em Cristo. No centro de sua mensagem está o reconhecimento de que ele foi “conquistado por Cristo Jesus” (3.12). Ele reconhece Cristo como Senhor (3.8) e Salvador (3.20). No início do capítulo, Paulo começa encorajando os filipenses: “alegrem-se no Senhor” (3.1). Em seguida, mostra o que essa alegria realmente significa: não em encontrar glórias em si mesmo, mas em Cristo (3.3); não em confiar na nossa própria justiça, mas na justiça de Cristo que recebemos pela fé (3.9). Ao final, reforça sobre o aspecto dos sofrimentos neste mundo (3.10) enquanto aguardamos a revelação final de Cristo (3.20).

A partir disso, o texto nos convida a refletir sobre o passado, presente e futuro. Paulo começa reavaliando seu passado e, à luz do que Cristo fez por ele, passa a enxergar tudo de uma forma diferente. Ele olha para o passado e vê que aquilo de que ele poderia se orgulhar anteriormente, ou que é valorizado por aqueles que são contrários ao

evangelho, agora é completamente descartado por ele, a ponto de considerar essas coisas como “perda” e “lixo” (3.8). Paulo sabe que, caso firmasse sua esperança na nostalgia do passado, esses valores estariam desviando o seu olhar do que Cristo realizou em sua vida.

Da mesma forma, ele passa a olhar para o tempo presente sob a ótica da obra de Deus em Cristo, o que transforma sua visão sobre suas próprias circunstâncias. Isso fica bem evidente quando ele usa o exemplo do corredor em uma corrida. Filipenses, a carta da alegria é escrita enquanto Paulo estava preso, provavelmente em Éfeso, e mesmo de lá ele encoraja os filipenses a reconhecerem o poder de Cristo sobre todas as coisas, revelado em sua ressurreição. A carta apresenta alguns momentos em que Paulo está encorajando os filipenses em tempos de sofrimento. Enquanto preso, ele compartilha os sofrimentos de Cristo. Contudo, sua confiança presente está no fato de que, no final, Deus o livrará. E este “livramento”, não está preso apenas ao material. Apesar da oposição do mundo e dos ataques de falsos mestres, Paulo se apoia no poder de Cristo e no que Sua morte e ressurreição realmente significam para ele.

Por fim, Paulo volta seu olhar para o futuro com profunda confiança na volta de Cristo e na promessa da ressurreição do corpo (3.11). Ele acredita firmemente que Cristo realizará algo grandioso e milagroso: transformará nossos corpos frágeis e mortais em corpos gloriosos. Isso vai além de uma simples mudança física; representa a restauração de toda a criação. Ou seja, ao confessar sua fé diante dos filipenses, o apóstolo Paulo está se apegando a morte, ressurreição e retorno de Cristo. Para isso, ele apresenta o evangelho como um instrumento que reestrutura e molda nossas vidas passadas, presentes e futuras.

3 O QUE EU PREGARIA?

Muitos são os caminhos que o pregador pode trilhar com estes ricos textos do 5º domingo de quaresma. Minha sugestão está ligada ao que compreendi ser o tema do fim de semana: o passado, presente e futuro.

3.1 Apresentando a temática e engajando o ouvinte

O sermão poderia iniciar fazendo os ouvintes refletirem sobre como as coisas do passado podem agir de forma interessante em nós. Elas podem, por um lado, causar um sentimento nostálgico de saudade de um tempo que não volta mais. Por outro lado, algumas lembranças podem nos envergonhar a ponto de evitarmos falar sobre isso para ninguém: coisas que foram ditas e feitas que causam vergonha – uma queda inesperada no meio de uma multidão ou uma postagem no Instagram - seja por imaturidade ou algo neste sentido. É o tipo de coisa que a gente não compartilha com ninguém, porque isso causa incômodo.

O pregador pode usar o exemplo das “lembranças” do Facebook. Coisas postadas no passado, que quando relembradas, podem causar ou nostalgia (uma foto antiga com a família, por exemplo) ou certa vergonha (uma frase sobre o término de um antigo relacionamento). Mas o que a gente faz com essas lembranças ruins? Apaga. Não quer que os outros vejam. E este é um movimento bastante comum. O tempo vai passando e, naturalmente, nós vamos fazendo releituras do passado em favor do presente e do futuro.

3.2 Exposição e desenvolvimento do texto bíblico

O que o Apóstolo Paulo faz no texto de Filipenses é, ao mesmo tempo, parecido e diferente disso. Paulo não tenta excluir o seu passado de sua *timeline*, mas faz a maior questão de exibi-la publicamente. Ele recupera o passado e se auto apresenta dizendo claramente quais foram suas condições iniciais – inclusive um perseguidor do evangelho. Mas se por um lado ele não tenta esconder seu passado, por outro ele também não fala sobre este passado de maneira nostálgica, como alguém que estivesse sentindo saudade do que passou. Ele se apresenta falando de seu passado, evidencia algo novo, uma mudança completa de sua vida, traz olhares ao seu presente e apresenta o que ele enxerga no seu futuro. Tudo isso a partir da mudança milagrosa que aconteceu em sua vida: Jesus!

3.3 Reflexão sistemática e confissão teológica

Nesta terceira parte, o pregador pode convidar os ouvintes a refletirem sobre como, muitas vezes, o evangelho apresentado pela igreja se restringe a um único ponto no tempo. Frequentemente, olhamos para o passado — a morte de Jesus na cruz para o perdão dos pecados — e para o futuro — acreditamos que vamos morrer e ir para o céu.

Contudo, o que o apóstolo Paulo oferece aqui é uma visão mais ampla do evangelho. Para ele, a boa notícia abrange não apenas a morte de Cristo, mas também sua ressurreição (passado), seu governo soberano (presente) e seu retorno para restaurar todas as coisas (futuro). Assim, quando Paulo contempla sua própria vida à luz dessas grandes perspectivas do evangelho, ele reconhece sua jornada nos três tempos: passado, presente e futuro. Graças à morte de Jesus, ele vive com a certeza do perdão (passado); pela ressurreição, é fortalecido para servir, independente das circunstâncias (presente); e, pela certeza do retorno de Cristo, vive na esperança da ressurreição final e da plena restauração de toda a criação (futuro).

3.4 Interpretação do ouvinte e proclamação evangélica

Na realidade que vivemos estamos diante de situações muito similares. É muito comum, por exemplo, encontrar perfis em redes sociais perfeitamente “montados”, com esquemas de cores minuciosamente planejados, onde imperfeições, dificuldades e lutas não são apresentadas por não parecerem apropriadas para gerar engajamento. Por esta razão, muitas vezes somos levados a viver vidas “montadas”, onde precisamos demonstrar a todos ao redor que vivemos uma vida correta, que somos pessoas pacientes, amorosas, que ajudamos os necessitados e que nossas vidas estão repletas das bênçãos de Deus.

Esta é uma forma de viver o passado nostálgico e transformá-lo num presente irreal, que não evidencia uma esperança futura verdadeira. Esta é uma forma de viver um medo intenso de deslizar, uma pressão intensa por manter a *timeline* intacta... porque se o contrário acontecer isso acarretaria a destruição de uma ilusão.

Por isso, este texto de Paulo é uma bênção para nós, porque ele nos traz alívio ao apresentar todos os verdadeiros bastidores do que é a vida cristã. Não confiamos em

nossa própria justiça (ou obras), mas na de Cristo. A morte de Cristo perdoa todos os nossos pecados e por isso nós valorizamos e lembramos do nosso batismo (passado). A ressurreição de Cristo fortalece nossas vidas de tal forma que vamos viver e prosseguir nas lutas, desafios e sofrimentos confiando no seu governo soberano (presente). Onde cada vez mais cresce o individualismo - e aqui pode-se destacar a ideia popular de que é possível viver a igreja “sozinho” -, a superficialidade, nós cultivamos os interesses de Cristo. Em um mundo de interesses individuais e próprios, nós participamos da comunidade presente de Cristo (e aqui o pregador pode até fazer uma referência a Gálatas 6.2). E, por fim, aguardamos com esperança o retorno prometido de Jesus, que restaurará todas as coisas (futuro). Enquanto vivemos no reino de Deus, não nos apoiamos em nossos próprios esforços, mas na promessa de Cristo, confiando que, no tempo certo, ele voltará para restaurar todas as coisas.

Lucas Prando

Palmas / TO